



MYRLA SUYANE DOS SANTOS ALVES, OITAVO ANO.

O GUARDA E O MENINO

Já era nosso conhecido o menino que vendia balas no semáforo. Sempre magrinho, pés no chão, sem camisa, sujo. Muitas vezes rejeitado, ignorado, tratado com indiferença. No final de certo dia, quando voltou para casa encontrou o pai batendo na mãe. Isso, vez por outra acontecia. O pai chegava bêbado, a agredia, mas a mãe, apesar de ameaçar fazer uma denúncia, nada fazia. Em uma destas ocasiões, o menino tentou impedir e levou um tapa que muito o machucou. Atordoado com a violência, saiu correndo para não apanhar mais...

A sequência do dia e o descontrole covarde do pai tornava a violência sempre maior. Mãe e filho suportavam uma vida infernal. Cerca de um ano após a primeira agressão, a mãe dele foi encontrada morta dentro de casa. O pai a matou e fugiu. O menino, depois de passar pelo Conselho Tutelar, foi morar com a vó, na esquina da mesma rua.

Um ano passou. Depois outro e mais outro. O menino crescia pouco porque comia mal. Continuava vendendo balas no sinal. De certa feita, um guarda que sempre estava por ali perguntou se ele estava com fome. O menino disse que sim.

Então o gentil guarda levou o menino a uma padaria já ali na esquina. Enquanto ele comia, o guarda e o balconista faziam-lhe perguntas: onde morava, com quem morava, por que não estudava ao invés de ficar no semáforo... Coisas assim...

Então ele explicou tudo o que aconteceu com sua mãe no passado. Contou com detalhes as violências sofridas ao longo de tantos anos. Comovido, o guarda perguntou se aquele menino queria morar com ele; estudar, brincar, enfim, levar uma vida de criança. O menino não aceitou, afinal, morava com a vó, amava-a e lá, ainda que precariamente, tinha o básico.

Mas o guarda sentiu de forma profunda aquele testemunho. Tocado que ficou, o apadrinhou. Desde então, o jovem rapaz deixou o trabalho no semáforo. Passou a estudar e, graças à ajuda do guarda, aquele menino tão marcado pela violência pode experimentar uma vida mais suave...

Essa estória é uma exceção. Essa estória é um exemplo, mas existem muitas crianças com histórias de vida assim e ainda muito pior que não têm nenhum apoio.

Todos os habitantes do mundo, especialmente todos os adultos - ou a maioria deles - deveriam ser solidários com as crianças de rua ou na rua. Se não tiver condições de criá-la podiam, pelo menos, oferecer algum tipo de ajuda, de auxílio. Se cada um fizesse um pouquinho, os muitos pouquinhos somados virariam algo significativo.

O que falta para que a sociedade resolva muitos graves problemas não é dinheiro. É boa vontade e empatia.

Norman Rockwell

OBRA DE ARTE VAI PARA A CASA BRANCA



O presidente Barack Obama, Ruby Bridges e representantes do Norman Rockwell Museum olhando "The Problem We All Live With" de Rockwell, pendurado em um corredor da ala oeste perto do Salão Oval, em 15 de julho de 2011. Ruby Bridges é a garota na pintura. (Foto oficial da Casa Branca por Pete Souza).



A pequena Ruby Bridges sendo escoltada por oficiais em direção à escola. Tempos difíceis de severa segregação racial.

Em junho de 2011, na Casa Branca, a obra acima (será melhor explicada abaixo) - que representa uma famosa cena de desagregação escolar em Nova Orleans - chamou a atenção pública após receber o apoio do Presidente Obama.

A exposição da peça de Rockwell na Casa Branca, que ocorreu na maior parte de 2011, chamou a atenção nacional para um momento icônico na conturbada história dos direitos civis dos Estados Unidos.

A pintura de Rockwell concentra-se em um episódio histórico de integração escolar de 1960, quando Ruby Bridges, de seis anos, teve que ser escoltada por oficiais federais para garantir sua inscrição na Escola William Frantz, em Nova Orleans.

Ruby foi a primeira criança afro-americana a se matricular na escola. A comunidade branca local - como visto na imagem a cima - era ferozmente a favor da separação entre brancos e negros na escola.

A exibição de Rockwell se concentra na menina em seu vestido branco imaculado, carregando sua régua e caderno, enquanto os quatro oficiais americanos à escoltam. A pintura também capta parte do desprezo daqueles tempos com a pichação racial rabiscada na parede e o respingo vermelho de um tomate jogado recentemente.

A obra apareceu pela primeira vez em um ampla publicidade em janeiro de 1964, quando foi publicado como uma ilustração de página dupla da revista Look. A pintura foi exibida como uma ilustração sem título no meio da reportagem da Look sobre como os americanos vivem, descrevendo suas casas e comunidades.



ELZA SOARES

Campanha criada por Cícero Ricardo Xavier Nunes, do oitavo ano.

**"A CARNE MAIS
BARATA DO MERCADO
É A CARNE NEGRA."**

Elza Soares, nome artístico de Elza Gomes da Conceição, foi uma cantora, compositora musical e puxadora de samba-enredo brasileira, que flertou com vários gêneros musicais como samba, jazz, samba-jazz, sambalanço, bossa nova, mpb, soul, rock e música eletrônica.

Ao longo de pouco mais de 60 anos de carreira, Elza teve inúmeras músicas no topo das listas de sucesso no Brasil; alguns dos maiores sucessos incluem: "Se Acaso Você Chegasse" (1960), "Boato" (1961), "Só Danço Samba" (1963) e "Aquarela Brasileira" (1974).

Em 1999, foi eleita pela Rádio BBC de Londres como a cantora brasileira do milênio. A escolha teve origem no projeto *The Millennium Concerts*, da rádio inglesa, criado para comemorar a chegada do ano 2000. Além disso, Soares aparece na 16ª posição da lista das 100 maiores vozes da música brasileira elaborada pela revista *Rolling Stone Brasil*.